EK: Para a Annie, o Moses e o Kieran: a minha abundância
DK: Para a Laura e a Isla

Índice

Nota dos autores	11
Introdução: Além da escassez	13
1. Crescer	31
2. Construir	65
3. Governar	105
4. Inventar	133
5. Implementar	171
Conclusão: Rumo à abundância	203
Agradecimentos	221
Notas	225
Índice remissivo	283

Nota dos autores

Algumas das informações e dos termos neste livro já foram publicados em colunas, artigos, boletins e conversas escritas e produzidas para o *New York Times* e a *Atlantic*.

Introdução

ALÉM DA ESCASSEZ

Abrimos os olhos no dealbar do dia e viramo-nos para o outro lado nos lençóis frios. Alguns metros acima da nossa cabeça, instalada em cima do telhado, está uma camada de painéis solares a brilhar sob o sol da manhã. A energia por eles gerada combina-se com a eletricidade retirada de várias fontes de energia limpa: enormes turbinas eólicas a este, pequenas centrais de energia nuclear a norte, poços geotermais profundos a sul. Há quarenta anos, os nossos pais arrefeciam os quartos usando energia extraída de minas de carvão e poços de petróleo. Mineravam rochas e queimavam-nas, enchendo os pulmões de produtos colaterais. Envolveram o mundo em que viviam – e o nosso – numa armadilha de calor químico. Hoje, a prática parece-nos bárbara. Vivemos num casulo de energia tão limpa que quase não deixa um rasto de carbono, e tão barata que mal a conseguimos encontrar na fatura mensal.

Estamos em 2050.

Vamos para a cozinha e abrimos a torneira. Água do oceano jorra sobre o lava-loiça. É doce e limpa, e vem diretamente de uma central de dessalinização. Trata-se de estações que usam membranas microbianas para eliminar o sal do oceano. Hoje, representam mais de metade da água doce usada nos Estados Unidos. Rios como o Colorado, que eram excessivamente explorados no passado, ganharam nova vida, uma vez que já não dependemos deles par irrigar as quintas e encher as chávenas de café. Em Phoenix e Las Vegas, cidades anteriormente afetadas por secas severas, a folhagem verde irrompe, exuberante.

Abrimos o frigorífico. Na gaveta dos frutos e legumes estão as maçãs, os tomates e a beringela, cultivados na quinta mais próxima a poucos quilómetros de distância. Estas culturas não crescem na horizontal, em diferentes campos. Crescem na vertical em prateleiras distribuídas em diferentes níveis dentro de uma estufa alta. Fileiras de luzes LED geram os fotões de que as plantas precisam em intervalos precisos. Estas quintas feitas arranha-céus poupam inúmeros hectares para florestas e parques. Quanto ao frango e à carne de vaca, a maior parte vem de fábricas de carne celular, que desenvolvem células animais para produzir peitos de frango e bifes da vazia. Não são precisos animais, o que significa que não têm de ser mantidos em cativeiro nem mortos. A produção de carne cultivada, que no passado era muito cara, aumentou bastante com a abundância de eletricidade. Quando os nossos pais eram jovens, quase 25 % de toda a terra do mundo era usada para criar gado para consumo humano. Agora, este número é inimaginável. Grande parte desta terra foi reflorestada.

Pela janela, vemos, do outro lado da estrada, um drone *autónomo a entregar a última encomenda de comprimidos-estrela. Há alguns anos, os medicamentos diários que permitiam reduzir o consumo excessivo de alimentos, curavam vícios e atrasavam o envelhecimento celular eram considerados remédios milagrosos para os ricos, sobretudo quando descobrimos que havia moléculas fundamentais que se sintetizavam melhor nas condições de gravidade zero do espaço. Mas, hoje, há fábricas automatizadas a pairar em órbitas baixas. Foguetões baratos trazem os fármacos para a Terra, onde já salvaram milhões de vidas e garantiram milhares de milhões de anos saudáveis.*

Lá fora, o ar é limpo e vibra com o ronco de máquinas elétricas à nossa volta. Os carros e os camiões elétricos deslizam pela estrada, silenciosos como uma brisa leve, e a maioria sem condutor. As crianças vão para a escola e os adultos para o trabalho de bicicletas e trotinetas elétricas, algumas próprias; outras, de redes de subscrição geridas pelo município. Outro drone *de entregas porta a porta desce do cimo das árvores, paira à frente do quintal do vizinho como um beija-flor e deixa cair uma encomenda. Hoje, estes assistentes automatizados entregam uma grande parte das encomendas feitas pela Internet, reduzindo as entregas feitas por humanos e o trabalho árduo que requerem.*

Os nossos auriculares minúsculos emitem um sinal sonoro: uma mensagem de voz de um amigo e da família dele, a caminho do aeroporto para mais uma escapada de fim de semana. Em toda a economia, a combinação de inteligência artificial, direitos dos trabalhadores e reformas económicas reduziu a pobreza e encurtou a semana de

trabalho. Graças a uma maior produtividade da IA, a maioria das pessoas consegue fazer o que era o trabalho de uma semana inteira em poucos dias, o que aumentou o número de feriados, de fins de semanas longos e de férias. Menos trabalho não significou menor remuneração. A IA é feita do conhecimento partilhado da humanidade e os lucros que gera são distribuídos. Os nossos amigos estão a viajar de Nova Iorque para Londres. O voo demorará pouco mais de duas horas. Os jatos modernos chegam facilmente ao Mach 2 – o dobro da velocidade do som –, usando uma combinação de combustíveis tradicionais e sintéticos que libertam muito menos carbono para a atmosfera.

O mundo mudou. Não apenas o mundo virtual, a dança de pixéis nos nossos ecrãs. O mundo físico também: as casas, a energia, as infraestruturas, os medicamentos, a tecnologia pesada. Esta era é muito diferente das primeiras décadas do século XXI, que desencadearam uma sequência de crises inter-relacionadas. Uma crise de habitação. Uma crise financeira. Uma pandemia. Uma crise climática. Uma crise política. Durante anos, aceitámos o flagelo das pessoas em situação de sem-abrigo, a pobreza, as doenças incuráveis e o declínio da esperança de vida. Durante anos, sabíamos o que precisávamos de construir para aliviar a escassez que tantos enfrentavam e criar as oportunidades que tantos desejavam, e não o construímos. Durante anos, deixámos de investir e de implementar tecnologia que fosse capaz de tornar o mundo mais limpo, mais saudável e mais rico. Durante anos, pusemos limites à nossa capacidade de resolver os problemas mais importantes.

Porquê?

A ESCASSEZ É UMA ESCOLHA

Este livro é dedicado a uma ideia simples: para termos o futuro que desejamos, temos de construir e inventar mais daquilo de que precisamos. Só isto. A tese é esta.

Parece, até para nós, demasiado simples. No entanto, a história da América no século XXI é a história das carências escolhidas. Perceber que estas carências são escolhidas – e que podíamos ter feito outras escolhas – é entusiasmante. Enfrentarmos as razões por que não as fizemos pode levar-nos à loucura.

Dizemos que queremos salvar o planeta das alterações climáticas. Mas, na prática, muitos americanos são absolutamente contra a revolução da

energia limpa, havendo até estados liberais a encerrar centrais nucleares que não emitem gases de carbono e a protestar contra os projetos de energia solar. Dizemos que a habitação é um direito humano. Mas as nossas cidades mais ricas fizeram com que fosse extraordinariamente difícil construir casas novas. Dizemos que queremos melhores cuidados de saúde, melhores medicamentos e mais curas para doenças terríveis. Mas toleramos um sistema de investigação, financiamento e regulação que afasta os cientistas do seu trabalho mais prometedor, negando assim a milhões de pessoas as descobertas que poderiam prolongar-lhes ou melhorar-lhes as vidas.

Às vezes, estes entraves refletem diferenças de crenças ou interesses. Quatrocentos hectares de painéis solares podem ser uma dádiva caída dos céus para a cidade para a qual produzem energia e uma praga para a comunidade adjacente. Um edifício de sete andares de apartamentos acessíveis em São Francisco significa casas para pessoas que, de outra forma, viveriam a horas do trabalho, mesmo que bloqueie as vistas ou aumente as dificuldades de estacionamentos das pessoas que já viviam na zona.

Noutras vezes, as nossas crises refletem o peso que o passado ainda tem no presente. As soluções de uma geração podem tornar-se os problemas da seguinte. Depois da Segunda Guerra Mundial, houve uma explosão de casas e infraestruturas que enriqueceram o país. Mas, sem regulação que assegure um ar e uma água limpos, os construtores da altura devastaram o ambiente. Em resposta, os EUA aprovaram legislação ambiental sem fim. Mas estas bem-intencionadas leis de proteção da natureza do século XX servem para bloquear os projetos de energia limpa necessários agora que estamos no século XXI. As leis que visavam assegurar que o governo tem em conta as consequências das suas ações impedem o governo de ter uma atuação consequente. A renovação institucional é um trabalho que todas as gerações têm de enfrentar.

Mas uma parte deste problema é um reflexo de uma espécie de conspiração ideológica que subjaz à nossa política. Estamos apegados a uma história de declínio americano que se centra na divergência ideológica, o que faz com que seja fácil ignorarmos males que decorrem de um conluio ideológico. Durante o século XX, os EUA desenvolveram uma

direita que lutou contra o governo e uma esquerda que o manietou. Os debates em torno da dimensão do governo ofuscaram a diminuição da sua capacidade. A abundância de bens de consumo distraiu-nos da escassez de casas, de energia, de infraestruturas e de inovações científicas. Há uma força contrária a levantar-se, mas ainda está na infância.

O ERRO DO LADO DA OFERTA

A oferta e a procura são esteios da economia. A oferta é a quantidade existente de alguma coisa. A procura é a quantidade dessa coisa que as pessoas querem. As economias estão em equilíbrio quando a oferta e a procura se encontram, e em desequilíbrio quando se afastam. Procura de mais em busca de oferta de menos conduz a carências, aumentos de preços e racionamentos. Oferta de mais a acumular-se num cenário de pouca procura provoca superabundância, despedimentos e depressões. A oferta e a procura estão interligadas. Pelo menos, no mundo real. Na nossa política, foram cindidas. Os democratas e republicanos dividiram-nas.

As palavras «lado da oferta» são vistas como próprias da direita. Evocam memórias da curva que o economista conservador Arthur Laffer esboçou num guardanapo nos anos 70 do século XX para mostrar que, quando os impostos são demasiado altos, as economias abrandam e, paradoxalmente, as receitas caem.[1] Esta foi uma das razões que levaram os republicanos a prometer durante décadas que o corte dos impostos pagos pelos ricos iria ser o incentivo necessário para que os desalentados Johns Galts da nação trabalhassem mais e melhor, levando as economias a um crescimento exponencial e ao aumento de receitas.

A diminuição de impostos é uma ferramenta útil, e é verdade que impostos altos podem ser um desincentivo ao trabalho. Mas a ideia de que os cortes nos impostos conduzem automaticamente a mais receitas é, como disse George H. W. Bush, «economia vudu». A ideia foi testada. Fracassou. Foi testada novamente. Fracassou outra vez. Estes fracassos e a recusa persistente do Partido Republicano de deixar de tentar a mesma coisa e esperar um resultado diferente fizeram com que se tivesse tornado um pouco vergonhoso estarmos preocupados com o lado da oferta da economia. É como se o disparate que é a frenologia tivesse

feito com que os médicos vissem o tratamento de disfunções cerebrais como algo indigno.

Mas a agenda conservadora não se ficou por aqui: apresentava a produção como um resultado de mercados completamente livres. A economia do lado da oferta tinha como objetivo tirar o governo do caminho do setor privado. Diminuir impostos para as pessoas trabalharem mais. Diminuir a regulação para que as empresas pudessem produzir mais. Mas e os lugares onde a sociedade precisava de algo que o mercado não podia, ou não queria, disponibilizar por si só?

Era aqui que poderíamos esperar que os democratas interviessem. Mas estes, intimidados pela revolução de Reagan e com medo de serem considerados socialistas, confinaram o seu trabalho ao lado da procura do livro-razão. Quando, em 1978, os americanos ouviram dizer que «o governo não pode resolver os nossos problemas, não pode determinar os nossos objetivos, não pode definir a nossa visão», não foi da boca de Ronald Reagan. Foi da do presidente Jimmy Carter, um democrata, quando proferia um discurso sobre o Estado da União.[2] Era um prenúncio do que estava por vir. Em 1996, o presidente democrata seguinte, Bill Clinton, anunciou que «a era do governo grande terminou».[3] A noção de que o governo dos EUA não pode resolver os problemas do país não foi criação unilateral de Reagan e do Partido Republicano. Foi obra de ambos os partidos, reforçada pelos respetivos líderes.

Durante décadas, as promessas e políticas progressistas tiveram como prerrogativa dar dinheiro, ou vales que valiam pelo dinheiro, às pessoas para que elas saíssem de casa e comprassem algo que o mercado estava a produzir, mas que os pobres não conseguiam comprar. A Lei dos Cuidados de Saúde Acessíveis subsidia seguros que as pessoas podem usar para pagar despesas médicas. Os vales de alimentação dão dinheiro às pessoas para comprar comida. Os vales de habitação dão-lhes dinheiro para a renda. As bolsas de estudo Pell dão-lhes dinheiro para a universidade. Os créditos fiscais para os cuidados infantis dão às pessoas dinheiro para pagarem despesas de educação. A Segurança Social dá-lhes dinheiro para a reforma. O salário mínimo e o crédito fiscal aplicado aos rendimentos de trabalho dão-lhes mais dinheiro para o que desejarem.

Trata-se de políticas importantes, que nós apoiamos. Mas à medida que se iam centrando cada vez mais em dar dinheiro às pessoas, os democratas iam prestando cada vez menos atenção à oferta de bens e serviços que queriam que todos tivessem. Gastou-se muito dinheiro dos contribuintes em seguros de saúde, vales de habitação e infraestruturas sem que houvesse igual enfoque – muitas vezes sem que houvesse enfoque nenhum – naquilo que esse dinheiro estava realmente a comprar e a construir.

Este estado de coisas era um reflexo de uma fé no mercado que, à sua maneira, não era menos tocante do que a dos republicanos. Partia do princípio de que, desde que se lhe acenasse com dinheiro suficiente, o setor privado poderia, e iria, alcançar objetivos sociais. Revelava um desinteresse no funcionamento do governo. Partia-se do princípio de que as leis eram sensatas. De que as políticas eram eficazes. Fazia-se orelhas moucas a quem dizia que o governo estava a asfixiar a produção ou a inovação. Surgiu um ponto fraco. Os movimentos políticos pensam em soluções quando sabem onde procurar os problemas. Os democratas aprenderam a procurar oportunidades para atribuir subsídios. Não pararam para pensar nas dificuldades da produção.

O problema é que, se subsidiamos a procura de algo que é escasso, vamos aumentar os preços ou forçar o racionamento.[4] Dinheiro de mais à procura de casas de menos significa lucros extraordinários para os proprietários e uma crise de acessibilidade para os compradores. Dinheiro de mais à procura de médicos de menos significa tempos de espera mais longos ou consultas dispendiosas. E isto leva à réplica habitual dos republicanos: *não subsidiem a procura*. O governo não tem nada que ver com isso. Deixem o mercado fazer o que tem a fazer. E esta ideia funciona com bens cujo acesso não seja uma questão de justiça. Se os auscultadores de realidade virtual são caros, bem, que sejam. Não é um problema de políticas públicas que a maioria dos agregados familiares não tenha dinheiro para uns auscultadores de realidade virtual. Mas não se pode dizer o mesmo no caso da habitação, da educação e da saúde. A sociedade preocupa-se com o acesso a estes bens e serviços, como é seu dever. Os democratas e republicanos transformaram políticas em leis que, no seu conjunto, gastaram biliões de dólares a ajudar as

pessoas a poderem ter acesso a eles. Mas dar um subsídio às pessoas para um bem cuja oferta está estrangulada é como construir uma escada para tentar chegar a um elevador que não para de subir.

Os resultados desse erro estão em todo o lado. Em 1950, o preço mediano das casas era 2,2 vezes maior do que a média de rendimentos anuais; em 2020, era 6 vezes a média de rendimento anual.[5] Entre 1999 e 2023, o prémio médio para seguros de saúde familiares patrocinados pelos empregadores aumentou de 5791 dólares para 23 968 – uma subida de mais de 300 % – e a contribuição dos trabalhadores para esse prémio mais do que quadruplicou.[6] Em 1970, o custo médio anual de propinas e taxas era de 394 dólares nas universidades públicas e 1706 nas universidades privadas. Em 2023, era de 11 310 nas universidades públicas para os alunos do estado e 41 740 nas universidades privadas.[7] Os cuidados de saúde para um bebé e uma criança de quatro anos custam, em média, 36 008 dólares em Massachussetts, 28 240 na Califórnia e 28 338 no Minesota.[8]

Deu-se a emergência de uma estranha economia em que um estilo de vida seguro de classe média tem vindo a entrar em declínio para muitos, mas na qual os sinais materiais de sucesso da classe média se tornaram acessíveis para muitos. Nos anos 60 do século passado, era possível frequentar os quatro anos de um curso na universidade sem contrair uma dívida, mas impossível comprar uma televisão de ecrã plano. Nos anos 20 deste século, a realidade estava perto de ser a inversa.

Passámos um pano por cima da crise da acessibilidade[9] com preços baixos para os bens de consumo, deixando que os valores dos ativos subissem em flecha para contentamento dos americanos mais ricos, e montes de dívida: dívida de empréstimos à habitação, dívida de empréstimos estudantis, dívida em despesas de saúde que mantiveram a classe trabalhadora mais ou menos à tona. Este é um pequeno resumo das últimas décadas de debates económicos: uma crise de dívida de empréstimos à habitação, um enorme programa novo para subsidiar os custos de seguros de saúde, conversas sobre a gratuitidade das universidades e o perdão dos empréstimos aos estudantes, rondas intermináveis de cortes nos impostos, proposta atrás de proposta para que o governo pague os cuidados infantis e a educação pré-escolar, uma bolha na

criptomoeda que atraiu muitos investidores, em parte porque parecia uma via direta para a riqueza que qualquer pessoa podia usar.

Mas depois chegou a inflação. Durante anos, o principal problema da economia americana foi a procura. Nós éramos jornalistas a noticiar a crise financeira, e todas as conversas com os economistas da administração Obama tinham que ver com persuadir os empregadores a contratar e os consumidores a gastar. O estímulo de 2009 foi demasiado curto e, embora tenhamos evitado uma segunda Grande Depressão, caímos numa crise da qual custou muito recuperar. Os democratas levaram as lições para a pandemia da COVID. Enfrentaram a crise com uma pujança fiscal avassaladora, aliando-se à administração Trump para aprovar a Lei CARES (*Coronavirus Aid, Relief, and Economic Security Act* – Lei de Ajuda, Assistência e Segurança Económica Face ao Coronavírus) no valor de 2,2 biliões de dólares, aos quais viriam a acrescentar os 1,9 biliões do Plano de Resgate Americano e a fatura de biliões de dólares em infraestrutura que o acompanhava. Os democratas demonstraram claramente que preferiam os riscos de uma economia em ebulição, com uma inflação alta, à ameaça da falta de empregos em massa.

Foram bem-sucedidos. Mas a superação da crise económica provocada pela pandemia criou uma nova crise na economia pós-pandemia: demasiada procura. As cadeias de abastecimento que haviam sido duramente afetadas pela pandemia e pela invasão russa da Ucrânia começaram a apresentar falhas. A inflação voltou em força. As conversas que tínhamos com os economistas da administração Biden foram diferentes das que tínhamos tido com os economistas da administração Obama, mesmo nos casos em que os nossos interlocutores eram os mesmos. Precisavam que as empresas fabricassem mais produtos mais depressa. Precisavam de mais *chips* para que houvesse mais automóveis e computadores. Precisavam que os portos fossem capazes de expedir mais navios com encomendas, que a Pfizer fabricasse mais comprimidos antivirais, que as empresas de transporte contratassem mais motoristas e que as escolas melhorassem os sistemas de ventilação. Precisavam de mais oferta e, se isso não fosse possível, menos procura.

«Se, neste momento, os preços dos automóveis estão altos, há duas soluções», disse Biden. «Aumenta-se a oferta de automóveis fabricando

mais, ou reduz-se a procura de automóveis tornando os americanos mais pobres. A escolha é esta.»[10]

Em 2024, a subida de preços amainou. A inflação, tal como os economistas a medem, tinha abrandado. Mas a crise de acessibilidade geral que já existia antes do surto de inflação manteve-se. O medo de não termos ou não virmos a ter o suficiente de tudo o que precisávamos alastrou-se a todo o espectro político. Os decisores começaram a repensar a globalização, avisando que não podíamos depender de exportações cruciais da China se houvesse algum conflito ou uma crise entre as duas nações. Os governadores e os presidentes de câmaras centraram a atenção na oferta de habitação quando os acampamentos de pessoas em situação de sem-abrigo se espalharam pelas ruas. A Lei de Redução da Inflação começou o trabalho de construir as infraestruturas verdes necessárias para migrar a nossa economia para uma energia limpa. A Lei CHIPS e de Ciência (em que CHIPS significa *Creating Helpful Incentives to Produce Semiconductors*, ou seja, Criação de incentivos úteis para a produção de semicondutores) acenou com milhares de milhões de dólares para que o fabrico de semicondutores voltasse aos EUA. Falta saber se alguma destas políticas irá funcionar. Mas que representam uma rotura com as décadas mais recentes é inegável.

A política não trata apenas dos problemas que temos. Trata dos problemas que vemos. O problema da oferta está à espreita há muitos anos, contudo não foi central na nossa política. A situação está a mudar. Tem surgido uma nova teoria sobre a oferta, e, com ela, um novo modo de pensar sobre a política, a economia e o crescimento.

A SOCIEDADE NÃO É UMA TARTE

Talvez o leitor já tenha ouvido o lugar-comum segundo o qual a economia é uma tarte que, em vez de fatiar, temos de deixar crescer. É difícil começar a explicar onde é que esta imagem falha, porque não acerta em quase nada. Se, por alguma razão, conseguíssemos deixar crescer uma tarte de mirtilos, teríamos mais tarte de mirtilos. Mas o crescimento económico não é feito da soma da mesmice. A diferença entre uma economia que cresce e uma economia que estagna é a *mudança*.

Quando fazemos uma economia crescer, aceleramos um futuro que é diferente. Quanto mais crescimento houver, mais radicalmente o futuro divergirá do passado. Contentámo-nos com uma metáfora para o crescimento que apaga a sua característica mais importante.

Se analisarmos as equações que definem a economia moderna, vamos descobrir que o crescimento vem de um de vários aspetos. Uma economia pode crescer porque recebe mais pessoas. Pode crescer porque recebe mais terra ou recursos naturais. Mas assim que estas avenidas se esgotam, tem de fazer mais com o que já tem. As pessoas têm de pensar em ideias novas. As fábricas têm de inovar e criar processos novos. Estas ideias e estes processos novos tem de se traduzir em tecnologia nova. E tudo isto é agrupado sob o rótulo estéril da produtividade: o que mais podemos produzir com o mesmo número de pessoas e de recursos? Quando a produtividade dispara, o que obtemos não é mais daquilo que já tínhamos, mas coisas novas que nunca tínhamos imaginado.

Imagine que adormeceu em 1875 em Nova Iorque e acordou trinta anos depois. Quando fechou os olhos não havia luz elétrica, *Coca-Cola*, basquetebol nem aspirina. Não havia automóveis nem «sapatilhas». O edifício mais alto de Manhattan era uma igreja. Quando acorda em 1905, a cidade foi reconstruída com edifícios altos com estruturas de aço chamados «arranha-céus». As ruas estão cheias de novidades: automóveis propulsionados por motores de combustão interna, pessoas a andar de bicicleta em sapatos com solas de borracha, tudo inovações recentes. O catálogo da Sears, a caixa de cartão e a aspirina são novidades acabadas de chegar. As pessoas já desfrutaram dos primeiros goles de *Coca-Cola* e das primeiras mordidas daquilo a que agora chamamos hambúrguer americano. Os irmãos Wright já fizeram a primeira viagem de avião. Quando adormeceu ainda ninguém tinha tirado uma fotografia com uma máquina *Kodak* nem usado uma máquina que fazia filmes, nem comprado um aparelho que tocava música gravada. Em 1905, temos as primeiras versões comerciais dos três: a máquina fotográfica de rolo simples, o cinematógrafo e o fonógrafo.

Agora imagine que adormecia por mais trinta anos entre 1990 e 2020. Ficaria pasmado com o extraordinário engenho com que nos dedicámos aos *smartphones* e aos computadores. Mas o mundo físico

parecer-lhe-ia pouco alterado. Isto reflete-se nas estatísticas de produtividade, que registam um abrandamento da mudança à medida que o século XX foi avançando. Este facto não é um problema apenas para a nossa economia. É uma crise para a política. A nostalgia que permeia grande parte da direita de hoje e uma parte nada despicienda da esquerda não é um acidente. Perdemos a fé no futuro que já foi o alimento do nosso otimismo. Hoje, lutamos pelo que temos, ou pelo que tínhamos.

A nossa era conta com muito pouco pensamento utópico, mas uma exceção de que vale a pena dar nota é o livro *Fully Automated Luxury Communism* (Comunismo de Luxo Completamente Automatizado) de Aaron Bastani, um panfleto esquerdista que põe as tecnologias que estão a ser desenvolvidas no momento – a inteligência artificial, as energias renováveis, a mineração de asteroides, as carnes de origem vegetal e celular e a edição genética – no cerne de uma visão pós-trabalho e pós-escassez.[11] «E se tudo pudesse mudar?», pergunta o autor. «E se, em vez de nos limitarmos a responder aos grandes desafios do nosso tempo – das alterações climáticas à desigualdade e ao envelhecimento –, fôssemos mais longe, atirando os problemas da atualidade para trás das costas como fizemos antes com os grandes predadores e, em grande parte, com várias doenças? E se, em vez de não termos uma ideia de um futuro diferente, decidíssemos que a história ainda não começou verdadeiramente?»[12]

Na política, é habitual pensar-se num presente justo e conceber os programas de segurança social tendo em vista esse objetivo. É igualmente importante imaginarmos um futuro justo – ou até agradável – e concebermos os progressos tecnológicos capazes de acelerar tal resultado. A visão de Bastani é refrescante porque insiste que aqueles que entre nós acreditam num mundo mais justo, mais afável e mais sustentável têm um papel a desempenhar no desenvolvimento de tecnologias que venham a tornar esse mundo possível. Trata-se de uma questão política e não apenas tecnológica: essas mesmas tecnologias poderão tornar-se aceleradores de desigualdades e desespero se não estiverem integradas em políticas e instituições justas. O que Bastani reconhece é que o mundo que desejamos exige maior redistribuição. A nossa aspiração não se limita a parcelar o presente.

As novas tecnologias criam novas possibilidades e permitem-nos resolver problemas que no passado eram irresolúveis. Num mundo em que muitos dos países com as maiores emissões de gases com efeito de estufa são nações de rendimento médio, como a China e a Índia,[13] a única forma de a humanidade limitar as alterações climáticas sem deixar de combater a pobreza é inventando uma forma de aceder a uma energia limpa abundante e barata e depois gastar o suficiente para a implementar. A única razão para termos sequer uma esperança mínima de evitar o aquecimento catastrófico é o facto de o custo da energia solar ter baixado 89 % e os custos da energia eólica terrestre terem reduzido em quase 70 % em dez anos.[14] A decisão da Califórnia de proibir a venda de automóveis movidos a combustível até 2035[15] seria impensável sem os rápidos progressos da tecnologia de baterias.

Já sabemos como construir uma boa parte daquilo de que precisamos para o mundo que queremos. Mas há outra boa parte daquilo de que precisamos para o mundo que queremos que ainda tem de ser inventada ou melhorada. Hidrogénio verde e cimento. Fusão nuclear. Tratamentos para cancros terminais, que sobrecarregam as terapias atuais, e para as doenças autoimunes obscuras que desconcertam os médicos de hoje. IA que seja capaz de se adaptar às necessidades de crianças que aprendem e pensam de forma diferente. Acreditamos que os mercados irão apresentar alguns destes progressos. Mas não os suficientes. O mercado não pode, por si só, distinguir a riqueza que se obtém da queima do carvão da abastança que é criada por meio do aperfeiçoamento do armazenamento das baterias. O governo pode. O mercado não vai, por si só, financiar as tecnologias arriscadas cujo lucro é social, não económico. O governo tem de o fazer.

Mas não sejamos ingénuos. É infantil declarar que o governo é o problema. E é igualmente infantil declarar que é a solução. O governo pode ser o problema ou a solução, e muitas vezes é ambos. Em alguns aspetos, a energia nuclear é mais segura do que a eólica e mais ecológica do que a solar. É indiscutivelmente mais segura do que queimar carvão e gasolina. No entanto, os EUA – que estão a enfrentar uma crise de aquecimento global – deixaram de construir reatores e centrais de energia nuclear quase por completo. Entre 1973 e 2024, o país

começou e terminou a construção de apenas três reatores nucleares novos. E encerrou mais centrais nucleares do que as que abriu ao longo do nosso tempo de vida.[16]

Levar a tecnologia a sério enquanto agente de mudança é levá-la a sério enquanto algo dependente de valores e, sim, de política. A relação é bidirecional. Não é só a política que temos que vai afetar as tecnologias que desenvolvemos. As tecnologias que desenvolvemos irão definir a política que vamos ter. Um mundo em que a energia renovável seja abundante e barata permitirá uma política diferente da de um mundo em que seja escassa e cara. Um mundo em que a construção modular tenha baixado o custo da construção abre novas possibilidades para os orçamentos estadual e local.

Em 1985, o grande crítico da tecnologia Neil Postman escreveu: «Não estar ciente de que a tecnologia vem equipada com um programa de mudança social, defender que a tecnologia é neutra, assumir que a tecnologia é sempre amiga da cultura, é, por esta altura, pura e simples estupidez.»[17] O corolário também é verdade: não ter um programa para aproveitar a tecnologia ao serviço da mudança social é uma forma de cegueira muito particular.

Demasiadas vezes, a direita vê apenas as glórias imaginadas do passado e a esquerda vê apenas as injustiças do presente. Simpatizamos mais com a esquerda neste aspeto, mas esse não é um debate que tenhamos a capacidade de dirimir. O que falta muitas vezes a ambos os lados é uma visão clara e articulada do futuro e de como se distingue do presente. Este livro é um esboço dessa visão e um argumento para ela.

UM LIBERALISMO QUE CONSTRÓI

Somos ambos liberais na tradição norte-americana. Os problemas que procuramos resolver são sobretudo problemas que existem no seio das preocupações liberais. Preocupamo-nos com as alterações climáticas e a desigualdade em matéria de saúde. Queremos casas mais acessíveis e salários medianos mais altos. Queremos que as crianças respirem um ar mais puro e que as pessoas possam viajar mais facilmente para o trabalho e para casa em sistemas de trânsito massivo. Temos muitas

divergências em relação à direita americana moderna. Mas, neste livro, centramo-nos nas patologias do amplo espectro da esquerda.

Uma razão para o fazermos reside no facto de não nos considerarmos mensageiros eficazes da direita. Há pessoas à procura de reformas complementares nessa coligação, como James Pethokoukis, autor de *The Conservative Futurist*; o economista Tyler Cowen, que apelou a um «Libertarianismo de Capacidade Estatal»;[18] e o vasto leque de decisores especializados organizados no Centro Niskanen. Desejamos-lhes sucesso.

Mas nós focamo-nos na esquerda por razões mais amplas. Este livro é motivado, em boa parte, pela nossa crença de que precisamos de descarbonizar a economia global para obviar a ameaça das alterações climáticas. Na medida em que a direita não acredita, de todo, nelas – e, nos Estados Unidos, pelo menos, não acredita –, parece-nos ingénuo descrever as políticas que poderiam ajudar os republicanos a construir infraestruturas ecológicas mais rapidamente. É uma tolice esperar que uma coligação que não partilha dos nossos objetivos faça o trabalho para os alcançar. Achamos mais interessante perguntar, como vamos fazer, porque é que muitas vezes é mais fácil construir energia renovável nos estados predominantemente republicanos do que nos predominantemente democratas, não obstante a oposição republicana à causa das mudanças climáticas.

Depois há a raiva que qualquer liberal deveria sentir ao olhar para os estados e cidades que os liberais governam. Um de nós nasceu na Califórnia e viveu lá durante grande parte do processo de escrita deste livro. As cidades mais populosas da Califórnia são governadas por democratas.[19] Todos os oficiais eleitos a nível estadual na Califórnia são democratas.[20] Ambas as câmaras da assembleia legislativa são dirigidas por democratas. E a Califórnia é um estado prodigioso. Lidera o mundo em matéria de tecnologia. Cria uma cultura que grande parte do mundo consome. É espetacular e incrivelmente bonita. Se fosse um país, teria o quinto maior PIB do mundo.

O liberais deveriam poder dizer: *votem em nós e vamos governar o país tal como governamos a Califórnia!* Em vez disso, os conservadores podem dizer: *votem neles e eles poderão governar o país tal como governam a Califórnia!* A Califórnia passou décadas a tentar, sem conseguir, construir um

caminho de ferro de alta velocidade. Tem o pior problema de pessoas em situação de sem-abrigo no país. Tem também o pior problema de acessibilidade habitacional. Só fica atrás do Hawai e de Massachussetts em custo de vida.[21] Como resultado, está a perder centenas de milhares de pessoas todos os anos para o Texas e o Arizona.[22] O que é que correu mal?

Os problemas da Califórnia têm muitas vezes gravidades diferentes, mas a estrutura é sempre a mesma. Outros estados e cidades predominantemente democratas apresentam a mesma dinâmica. Nesta era de crescimento do populismo de extrema-direita, existe uma grande pressão para que os liberais se foquem apenas nos sinais da direita MAGA. Mas, desta forma, não perceberemos o contributo da governação liberal para o crescimento do Trumpismo. No livro *Presidents, Populism, and the Crisis of Democracy* (Presidentes, Populismo e a Crise da Democracia), os cientistas políticos William Howell e Terry Moe escrevem que «os populistas não se limitam a aproveitar o descontentamento socioeconómico. Aproveitam também os governos ineficazes, e o que os torna apelativos é o facto de o substituírem por um governo que é eficaz graças ao seu próprio poder autocrático.»[23]

Nas eleições de 2024, Donald Trump venceu porque conseguiu virar quase todas as zonas da América para a direita. Mas o sinal que os democratas mais deveriam temer é o facto de esta mudança ter sido maior nos estados e nas cidades predominantemente democratas, ou azuis, que são os lugares onde os votantes estão mais expostos às realidades quotidianas da governação liberal. Quase todos os condados da Califórnia se aproximaram de Trump,[24] tendo o Condado de Los Angeles virado onze pontos para o Partido Republicano. No seio e em volta dos estados que compõem a «Muralha Azul», ou seja, que são predominantemente democratas, o Condado de Filadélfia virou quatro pontos para a direita, o Condado de Wayne (Detroit), nove, e o Condado de Cook (Chicago) virou oito pontos. Na área metropolitana da cidade de Nova Iorque, o condado de Nova Iorque (Manhattan) virou nove pontos para a direita, o Condado de Kings (Brooklyn), doze, o Condado de Queens virou vinte e um pontos para a direita e o Condado de Bronx County, vinte e dois pontos.[25]

Votar é uma forma barata de expressar insatisfação. Mudar de cidade é caro. Mas os habitantes dos estados e das cidades azuis estão a fazê-lo. Em 2023, a Califórnia perdeu mais 342 mil habitantes do que os que recebeu; no Illinois, a perda líquida foi de 115 mil; em Nova Iorque, de 284 mil.[26] No sistema político norte-americano, perder habitantes é perder poder político. Se as tendências atuais se mantiverem, os censos de 2030 irão virar o Colégio Eleitoral veementemente para a direita; mesmo acrescentando o Michigan, a Pensilvânia e o Wisconsin aos estados em que Kamala Harris venceu, os democratas não terão possibilidades de vencer futuras eleições presidenciais.[27]

O problema não é unicamente político. As famílias jovens estão a abandonar as grandes metrópoles urbanas tão rapidamente que há vários condados, incluindo os que abarcam Manhattan, Brooklyn, Chicago, Los Angeles e San Francisco, a caminho de perder 50 % da população infantil com menos de cinco anos nos próximos vinte anos.[28] Os democratas não podem afirmar que são o partido das famílias de classe média ao mesmo tempo que dirigem as zonas do país que elas estão a abandonar.

Uma boa forma de marginalizar os movimentos políticos mais perigosos é provarmos o sucesso do nosso. Se os liberais não querem que os americanos se virem para as promessas falsas de líderes autoritários, têm de oferecer os frutos de um governo eficaz. A redistribuição é importante. Mas não é suficiente.

A SOCIEDADE ABUNDANTE

Existe uma palavra que descreve o futuro que queremos: abundância. Imaginamos um futuro não de menos, mas de mais. Não subscrevemos as ideologias sedutoras da escassez. Não é a fechar as portas aos imigrantes que vamos conseguir mais e melhores empregos. Não é a persuadir o mundo a abdicar do crescimento que vamos travar as mudanças climáticas. E não é apenas por estas visões serem irrealistas. É por serem contraprodutivas. Estas ideologias não vão conseguir atingir os futuros que procuram. Vão fazer mais mal do que bem.

A abundância que imaginamos não é indiscriminada. Não é uma procura indiscriminada de mais. Inspiramo-nos em *People of Plenty* (Sociedade de Abundância), o brilhante livro do historiador David M. Potter sobre a forma como a abundância definiu o pensamento e a cultura americanas. «Para se compreender devidamente a abundância, não devemos olhar para ela como um depósito de ativos fixos e universalmente reconhecíveis a repousar em prateleiras até que a humanidade as esvazie a todas por um processo de eliminação.» A abundância, afirmou, é «um fator físico e cultural em que existe uma interação entre o homem, ele próprio enquanto força geológica, e a natureza.»[29]

O tipo de abundância que procuramos é diferente do tipo de abundância que a nossa geração conheceu. Potter escreveu sobre a forma como a América está a ser «reorientada para converter a cultura do produtor numa cultura do consumidor», e a rotura aprofundou-se nas décadas que se seguiram.[30] A política norte-americana tem estado centrada em concretizar o que a historiadora Lizabeth Cohen denomina por «Uma República de Consumidores».[31] O sucesso tem sido notável. Catastrófico até. Temos uma extraordinária abundância de bens que enchem uma casa e uma escassez do que é preciso para construir uma vida boa. Apelamos a uma correção. Estamos mais interessados na produção do que no consumo. Acreditamos que o que somos capazes de construir é mais importante do que o que somos capazes de comprar.

A abundância, tal como a definimos, é um estado. É o estado em que existe o suficiente do que precisamos para criar vidas melhores do que as que tivemos até agora. Por isso, focamo-nos nos pilares do futuro. A habitação. Os transportes. A energia. A saúde. E centramo-nos nas instituições e nas pessoas que têm de construir e inventar esse futuro.

Vamos começar.